

## **TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: AS FALAS DOS ALUNOS SOBRE ACOLHIMENTOS, VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS COM SEUS COLEGAS**

**TITLER: AUTISTIC SPECTRUM DISORDER: STUDENTS' SAYINGS ABOUT RECENT, EXPERIENCES AND EXPERIENCES WITH THEIR COLLEAGUES.**

**Elaine Cristina da Rosa Teixeira<sup>1</sup>**

**Paulo Henrique Alves<sup>2</sup>**

**RESUMO:** O tema desta pesquisa foi pensado diante as vivências em um estágio não obrigatório em uma turma do 2º ano do ensino fundamental I, de uma escola municipal no Sul Catarinense, onde foi possível observar o grande número de estudantes com diagnóstico em Transtorno do Espectro Autista (TEA). Percebeu-se que os estudantes da classe desconheciam ter colegas autistas em sua turma, muito menos conheciam sobre o TEA. Dessa forma, não entendiam quando seus colegas tinham alguns comportamentos restritivos e gestos repetitivos, impedindo que fossem mais bem respeitados e acolhidos. Vale destacar que o objetivo central da pesquisa é o de analisar a fala dos alunos sobre a inclusão escolar, de modo que apontem sobre acolhimentos, vivências e experiências em relação a quem têm diagnóstico de autismo. Desta mesma forma, definiu-se os objetivos específicos: Apresentar um breve histórico da inclusão no Brasil; compreender o que é a inclusão escolar; conhecer sobre o Transtorno do Espectro Autista; destacar a importância da escuta sensível dos alunos. Para legitimar o estudo, foi feita uma pesquisa de campo, de característica exploratória descritiva, por meio de uma entrevista semiestruturada. Os sujeitos da pesquisa foram sete alunos, com idades de 8 e 9 anos, todos da mesma escola e turma. A análise dos dados teve como referencial teórico: Borges (2021), Friedmann (2020), Apostila Autismos Presente (2019), entre outros. Os entendimentos dos alunos sobre escuta e acolhimentos são de suma importância, pois validam suas experiências e trazem voz para ela. Considerando assim, que ter colegas dentro do espectro faz diferença em seu cotidiano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inclusão; Transtorno do Espectro Autista; Escuta sensível.

**ABSTRACT:** The theme of this research was designed, given the experiences of a non-mandatory internship in a 2nd year class of elementary school I, at a municipal school in the South of Santa Catarina, where it was possible to observe the large number of students diagnosed with Autism Spectrum Disorder (TEA). It was noticed that the students in the class

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia Licenciatura, na Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC.

<sup>2</sup> Orientador. Especialista, na Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC – alves@unesc.net.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 8, nº1, janeiro/junho - 2024.– Curso de Pedagogia– UNESC

were unaware of having autistic colleagues in their class, much less, they did not know about ASD, thus, they did not understand when their colleagues had some restrictive behaviors and repetitive gestures, preventing them from being better respected and welcomed. It is worth highlighting that the central objective of the research is to analyze students' speech about school inclusion, so that they can point out about receptions, experiences and experiences in relation to those with an autistic diagnosis. In the same way, the specific objectives were defined: Present a brief history of inclusion in Brazil; understand what school inclusion is; learn about Autism Spectrum Disorder; Highlight the importance of sensitive listening to students. To legitimize the study, field research was carried out, with an exploratory and descriptive nature, through a semi-structured interview. The research subjects were seven students, aged 8 and 9, all from the same school and class. Data analysis was based on theoretical references: Borges (2021), Friedmann (2020), Apostila Autismos Presente (2019), among others. Students' understanding of listening and welcoming is of paramount importance, as it validates their experiences and brings a voice to them. Considering this, having colleagues within the spectrum makes a difference in your daily life.

**KEYWORDS:** Inclusion; Autism Spectrum Disorder; Sensitive listening.

## 1 INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa foi escolhido diante as vivências em uma escola municipal do Sul Catarinense, através do estágio não obrigatório, oportunizado pela Prefeitura Municipal em parceria com a Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, realizado em uma turma do 2º ano do ensino fundamental I, onde foi possível observar o grande número de estudantes com diagnóstico em Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Minha função enquanto monitora, era auxiliar dois desses estudantes com diagnóstico do TEA. Em meu primeiro dia na escola, me senti insegura, pois não sabia como eram esses alunos e nem havia convivido com pessoas autistas. Tudo o que eu sabia sobre o transtorno era o que tinha aprendido na graduação referente aos níveis de suportes, algumas características e comorbidades.

Ao decorrer dos dias fui observando esses alunos e tentando uma aproximação. Fui acolhendo para que assim eu pudesse obter informações de suas reações, uso da comunicação, o que gostavam, seu hiperfoco, entre outros. Vale ressaltar que esses dois alunos brincavam individualmente no momento do recreio – por escolha própria ou por não serem convidados -, dificilmente eram incluídos pelos demais nas brincadeiras e nos trabalhos de grupo na sala de

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 8, nº1, janeiro/junho - 2024.– Curso de Pedagogia– UNESC

aula. Além disso, foi possível perceber que os alunos da turma, não tinham conhecimento sobre autismo, por isso não conseguiam compreender tais comportamentos e ações dos colegas que têm o diagnóstico.

No início do segundo semestre, a professora da turma trabalhou sobre as deficiências e transtornos, onde cada aluno deveria levar um boneco ou boneca com alguma característica do tema. Foi então, quando uma aluna levou uma boneca com o cordão do autismo (orientada por sua mãe que é professora na mesma escola) e com isso, a professora falou sobre esses dois colegas da turma e suas necessidades específicas. Todos os alunos ficaram impressionados, pois diziam que “eles pareciam não serem autistas”. A professora comentou sobre a sensibilidade auditiva, e salientou que ainda falta muito a avançar para que os alunos entendam um pouco mais sobre o transtorno e outras deficiências.

A escolha deste tema surge para destacar o entendimento da inclusão escolar por meio da voz dos alunos, enfatizando sobre acolhimentos, vivências e as experiências com autistas no cotidiano da escola. Durante a permanência no período escolar, poucas são as vezes que tratam da temática sobre inclusão com os alunos, dando vez e voz a eles.

Nesse contexto, Friedmann (2020, p. 130) cita que “defendo ser imperativo e urgente criar diálogos interdisciplinares e intersetoriais, com o intuito de validar e integrar vozes infantis”. Considero que a escuta e a observação caminham de mãos dadas”. Pensar em uma escola inclusiva e acessível, não é apenas colocar um monitor para acompanhar os alunos com necessidades específicas, é importante abrir a temática para toda a escola, pais, professores e para os alunos que convivem entre si.

Essa pesquisa vem ao encontro da perspectiva da escuta sensível. Poder ouvir a todos os alunos, dando a oportunidade a eles para que possam compartilhar suas vivências e experiências em relação à inclusão escolar de colegas autistas.

Ouvir os alunos e refletir sobre suas ideias acerca desta temática é essencial, para isso não se pode esquecer das questões norteadoras que fazem parte desta pesquisa, sendo elas: O que você sabe sobre as diferenças e sobre ser diferente? Algum professor já falou sobre seu colega ser ‘diferente’? Como foi quando seus colegas chegaram na sala de aula? Você sabe algo sobre o autismo? Você sabe por que ele/ela precisa do auxílio de um/uma monitor/a? Quais gestos seu colega faz que antes você achava estranho e agora não mais? O que você

mais gosta nesse seu colega?

Foram entrevistados 7 alunos, que atualmente fazem parte da turma do 3º ano do ensino fundamental I, constituída pelo total de 25 alunos, na qual nesta mesma turma 3 alunos no quadro do autismo, sendo a grande parte dos alunos da turma do ano anterior. Diante disso, estes alunos se disponibilizaram a participar da entrevista semiestruturada, constituída por sete perguntas mediante o tema da inclusão escolar, desta forma foi solicitado autorização para a escola e para as famílias dos participantes, dadas como aceite por meio de assinaturas.

A pesquisa finda-se na problemática em saber “O que dizem os alunos sobre acolhimento, vivências e experiências em relação à inclusão escolar de colegas autistas?”. Vale ressaltar que o objetivo central da pesquisa é o de “Analisar a fala dos alunos sobre a inclusão escolar, de modo que apontem sobre acolhimentos, vivências e experiências em relação a quem tem diagnóstico de autismo.” Desta mesma forma, definiu-se os objetivos específicos: apresentar um breve histórico da inclusão no Brasil; compreender o que é a inclusão escolar; conhecer sobre o Transtorno do Espectro Autista; destacar a importância da escuta sensível dos alunos.

Esta pesquisa está subdividida por meio de seções e subseções, que intitulam-se: introdução, a qual situa o leitor sobre a escolha do tema da pesquisa, o problema e os objetivos; em segundo um breve histórico da inclusão no Brasil; após, a subseção sobre a inclusão escolar; seguido da sessão sobre o Transtorno do Espectro Autista, retratando sobre diagnóstico e características; após, a seção sobre a escuta sensível; no outro momento situa-se a metodologia, apresentação e análise de dados, abordando o objetivo da pesquisa, suas características e como ocorreu a coleta dos dados; na sequência, vem a conclusão da pesquisa e as finalizações; por último as referências, que embasaram esta pesquisa.

## **2 BREVE HISTÓRICO DA INCLUSÃO NO BRASIL**

Os estudos sobre inclusão em nosso país ainda estão em seus passos iniciais, mas sabe-se que todos os seres humanos são protegidos por leis. Diante disso, ressaltamos que em 10 de dezembro de 1948 em Paris, uma lei foi elaborada por representantes jurídicos e culturais de todas as regiões do mundo, chamada Declaração Universal dos Direitos Humanos

(DUDH), adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas (resolução 217 A III) onde pela primeira vez, estabeleceu-se a proteção dos direitos humanos (Brasil, 1948).

Foi pensando no direito à igualdade, que a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) garante que "todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos", porém observou-se que as pessoas com deficiências não estavam sendo beneficiadas pela lei, pois esses direitos não estavam sendo respeitados na educação.

Foi então que delegados da Conferência Mundial de Educação Especial (1994), representando 88 advogados e 25 organizações internacionais em assembleia, reafirmaram o compromisso da Educação para Todos, pois reconheceram a necessidade e urgência da educação para as crianças, jovens e adultos com deficiência dentro do sistema regular de ensino. Isso aconteceu entre os dias 7 e 10 de Junho de 1994, em Salamanca, Espanha, levando assim o nome de Declaração de Salamanca.

Alguns desses direitos são:

- toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem,
- toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas,
- aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades (Salamanca, 1994).

Sendo assim, as pessoas com deficiências passaram a ter o direito de fazer parte das escolas de ensino regular.

Em 1988, a Constituição Federal no Brasil, já estabelecia que as pessoas com deficiência recebessem educação escolar, preferencialmente na escola regular (inciso III do artigo) (Brasil, 1988). Mas a Declaração de Salamanca (1994) garantiu que além desse acesso na escola regular, recebessem uma pedagogia e adaptações voltadas às suas necessidades.

Bem como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9.394/96, em seu artigo 58, cita no inciso primeiro que, "haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial" (Brasil, 1996). A partir daí a inclusão e participação efetiva das crianças e

adolescentes com deficiência ou transtornos na escola, passou a ser responsabilidade total do Estado e com seus direitos garantidos.

## 2.1 Educação especial na perspectiva da educação inclusiva: breve panorama

A inclusão escolar é um tema que vem sendo discutido a algum tempo, mas ainda tem sido um grande desafio enfrentado pelas escolas. Diante disso, a Lei Brasileira de Inclusão da pessoa com deficiência (Lei nº 13.146/2015), traz em sua descrição diretrizes essenciais para a garantia do direito à educação de pessoas com deficiência.

Em seu capítulo IV, Art. 27, fica estabelecido por lei que: “a educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistemas educacionais inclusivos em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida” (Brasil, 2015). Dito isto, as pessoas com deficiência têm o direito de ter acesso à educação em igualdade de condições com as demais pessoas, em um ambiente que valorize suas características e capacidades individuais.

A Lei 12.764 em seu artigo 1, § 2, diz que a pessoa com transtorno do espectro autista é considerada uma pessoa com deficiência. Sendo assim, ela tem todos os direitos das demais pessoas com outras deficiências.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei no 9.394/1996), traz em seu artigo 58, inciso segundo, que os atendimentos aos alunos com deficiência se darão preferencialmente na rede regular de ensino, a não ser que em função das condições específicas dos alunos, não seja possível a sua integração nas classes comuns do ensino regular (Brasil, 1996). Esta lei enfatiza a importância de proporcionar a inclusão dos alunos nas classes comuns do ensino regular, desde que seja possível atender às suas necessidades educacionais.

Mas isso não significa que as questões da inclusão escolar tenham sido resolvidas, pois não se trata apenas de receber os alunos nas escolas, mas precisa de acessibilidade, planejamento e adaptação para que o aluno faça parte das atividades escolares.

Mantoan (2015, p.37) destaca que “mesmo sob a garantia da lei, que assegura o direito de todos à educação, podemos utilizar o conceito de diferenças para produzir preconceitos, discriminações e exclusão”. Isso acontece quando limitamos nosso aluno na realização de

atividades em que automaticamente pensamos que ele não é capaz de executá-la e duvidamos das suas potencialidades.

Ainda que assegurados pela Constituição Federal (Brasil, 1988), que garante igualdade de condições de acesso e permanência nas escolas (art. 206, inciso I), a inclusão escolar precisa ser um assunto a ser trabalhado entre os professores, pois pouco se conhece sobre as deficiências, assim como poucos buscam aprender sobre elas.

Quando Mantoan (2022, p. 35) enfatiza sobre “não permitir que as matrículas sejam realizadas apenas para cumprimento da lei mantendo os alunos com deficiência e transtornos nas classes normais”, a autora defende que esses alunos precisam ser respeitados, pois muitas escolas recebem essas matrículas apenas para cumprimento de lei, não realizando as adaptações necessárias para o desenvolvimento, aprendizagem e socialização desses alunos, e dessa forma, não avançamos no ideal de uma escola inclusiva e de equidade.

A escola precisa saber quem é o público-alvo da educação inclusiva, e buscar as adaptações e acessibilidades necessárias para que eles se sintam acolhidos. A partir do momento que toda a escola, incluindo alunos, docentes, gestão e demais colaboradores aprenderem de fato o que é, e como se faz a inclusão, teremos não só uma escola inclusiva, mas prepararemos cidadãos com uma visão e atitudes inclusivas.

### **3 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

Quando falamos em deficiências e transtornos, geralmente pensamos ou olhamos para as características físicas da pessoa, como: a falta de um membro do corpo, um cadeirante, uma pessoa cega, pessoa com T21 - síndrome de Down, entre outras características aparentes.

Geralmente observamos apenas a deficiência que é visível, pensando nas limitações, raramente nas habilidades (Apostila Autismos Presente, 2019).

De acordo com Teixeira (2018), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma desorganização sensorial cerebral que afeta as áreas de socialização e de linguagem, e acarreta interesses restritos e repetitivos da pessoa que juntos podem dificultar a aprendizagem escolar. Sendo assim, entende-se que essa condição ocorre diretamente no cérebro, ou seja, de forma oculta.

Além disso, vale enfatizar que de acordo com os estudos da Apostila Autismos Presente (2019), o autismo é classificado em níveis de suporte I, II e III, e que a autonomia e independência do autista serão fatores determinantes para a classificação do nível.

O TEA afeta a capacidade de percepção social responsável por processar o reconhecimento de face humana, linguagem, emoções, estímulos sensoriais, funções de organização. Por isso o excesso de informações e de estímulos se tornam mais intensos no cérebro do autista, gerando desorganização de pensamentos (Brites, 2019). Em concordância a isso, falar com objetividade, sinalizar com intenção, vale mais do que grandes explicações para a pessoa autista.

Sendo assim, as suas atividades diárias precisam estar alinhadas para que tudo ocorra como planejado. Portanto, para auxiliar o desenvolvimento dos autistas, a rotina é necessária para uma vida organizada e estruturada (Apostila Autismos Presente, 2019).

Em muitos casos, o autista precisa de medicação para se estabilizar e auxiliar na melhora do comportamento quando alguma comorbidade está associada (Brites, 2019). O autismo não tem cura, por isso, a importância do diagnóstico precoce, onde o acompanhamento com terapias e multiprofissionais trará para essa pessoa uma melhor qualidade de vida (Apostila Autismos Presente, 2019). A família precisa continuar em casa os estímulos que são aplicados nas terapias, de modo que venha auxiliar em uma melhora em determinados comportamentos e compreensão de determinadas atividades.

Algumas características são analisadas a partir do momento em que a criança inicia na fase escolar, quando os profissionais da educação, fazem as observações por meio das fases do desenvolvimento, na qual alguns sintomas do autismo se acentuam (Apostila Autismos Presente, 2019). A partir dessas observações, a escola deve informar a família para que se inicie a investigação, por isso é necessária essa ponte entre escola, família e terapeutas.

De acordo com a Apostila Autismos Presente (2019), dúvidas e questionamentos surgem quando um diagnóstico é fechado, porém influências genéticas, gestacionais e ambientais estão relacionadas ao transtorno, sendo que não há um gene específico associado. As causas ambientais estão associadas a infecções e intoxicações durante a gestação, prematuridade, baixo peso e complicações no parto entre outros acontecimentos, já as genéticas são passadas pelas gerações.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 8, nº1, janeiro/junho - 2024.– Curso de Pedagogia– UNESC

De acordo com DSM V - Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders ou Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - nas causas ambientais, há vários fatores de riscos como idade parental avançada, baixo peso ao nascer ou exposição fetal a ácido valpróico. Já nas causas genéticas e fisiológicas, estima-se que até 15% dos casos do TEA podem estar associados a uma mutação genética conhecida, que variam no número de cópias ou mutações em genes específicos associados ao transtorno em diferentes famílias (DSM V, 2014). Vale ainda colocar em evidência, que os estudos em relação ao autismo continuam se desenvolvendo a cada ano.

Diante do diagnóstico e todo o processo, escola e família precisam estar juntos nessa etapa da vida da criança, assim como a escola também precisa acolher a família.

A despeito das diferenças entre os indivíduos que recebem o diagnóstico de autismo, uma característica é comum à imensa maioria de seus familiares: desespero e esperança por uma cura milagrosa. Essa é uma combinação mágica para a vulnerabilidade. Os pais da criança que recebe o diagnóstico de autismo, torna-se altamente vulnerável a promessas de curas milagrosas e tratamento sem sustentação em evidência (Mello, 2013, p. 82).

Nesse momento de fragilidade, a escola precisa acolher e ouvir a família, pois o medo, a insegurança e negação vem junto.

“As gerações passadas ficaram sem o devido tratamento no tempo certo, e os pais sem orientação necessária para estimular seus filhos” (Brites, 2019, p. 21), devido a essa falta de conhecimento e estímulo, os níveis do autismo podem sofrer alterações, afetando o desenvolvimento e qualidade de vida da pessoa. Assim, muitos diagnósticos são fechados somente na vida adulta ou muitos ainda sem diagnósticos por preconceito.

O Canal Autismo (2023) publicou uma pesquisa de 2020 na Jama Pediatric, que a cada 36 crianças de 8 anos nos Estados Unidos, 1 está no quadro do autismo. Em 2018, era 1 a cada 44. Já no Brasil, no Censo de 2022, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), incluiu a seguinte pergunta: Já foi diagnosticado(a) com autismo por algum profissional de saúde? A pesquisa ainda está em andamento e espera-se ser publicada em 2025. No entanto, estima-se que a cada 36 brasileiros, 1 tenha autismo. Diante disso, é crescente o número de diagnósticos nesse quadro, sinal de que os estudos têm avançado cada

ano e as pessoas estão indo em busca de conhecer e saber mais sobre o transtorno, além de proporcionar o conhecimento por meio das causas.

#### 4 IMPORTÂNCIA DA ESCUTA SENSÍVEL

Aos que tiveram suas infâncias até meados dos anos 90, viveram em uma época de muito autoritarismo por parte dos pais. É recordável que crianças não podiam estar no meio das conversas dos adultos, meninos não podiam chorar e não podiam opinar em nada.

As crianças nos dão informações das mais variadas formas, sendo assim, é importante apoiar as crianças a comunicarem seu ponto de vista. A Pedagogia da escuta não é uma metodologia, ela é uma abordagem. Segundo Edwards e Forman (1999), nesta abordagem o aprendizado nunca será o mesmo se alguém deixar sua colaboração. A curiosidade, os questionamentos têm valor. Sendo assim, percebemos que é essa pedagogia que acolhe a criança e as torna ainda mais competentes e possibilita que o professor crie um contexto de escuta.

Desde o momento que o bebê nasce, ele se torna totalmente dependente dos cuidados de um adulto. Nessa convivência, ele vai crescer e se desenvolver em um lar, sendo cuidado por uma ou mais pessoas que serão sua referência na sua vida escolar e social.

Friedmann (2020, p. 39) cita que:

Nos primeiros anos de vida, as crianças são protagonistas de forma permanente: elas são o centro das atenções e expressam, de inúmeras maneiras, quem são e o que vivem. Levar em consideração a diversidade de naturezas, temperamentos, tendências, dons, origens multiculturais, preferências, habilidades, canais expressivos individuais, dificuldades ou limitações das mais variadas ordens é a base para conhecer e reconhecê-las.

Mas para conhecer uma criança, saber por que ela se comunica de tal forma ou tem certas reações e atitudes, é necessário dar espaço para que ela se expresse do jeito que ela é.

Friedmann (2020, p. 42) acrescenta que “os adultos se colocam muito mais no papel de quem ensina, corrige, dita regras e orienta, do que no papel de quem escuta ou observa para conhecer e reconhecer as singularidades de cada criança ou grupo infantil”. É nesse momento que o adulto deve se desapegar daquele manual que viveu na infância, e parar de

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 8, nº1, janeiro/junho - 2024.– Curso de Pedagogia– UNESC

rotular a criança ideal, sendo que hoje busca-se deixar que as crianças expressem seus sentimentos, pensamentos e tenham autonomia.

Diante disso, atualmente nas escolas percebe-se que muitos professores ainda se apropriam do autoritarismo em sala de aula. Freire (2008, p. 122), discorre sobre:

Na concepção autoritária, a preocupação do educador está na fixação dos conteúdos da matéria, desprezando os conteúdos do sujeito. Na concepção espontaneísta, o peso maior está nos conteúdos do sujeito, não dando a mesma importância aos conteúdos da matéria. Na concepção democrática, os dois conteúdos são ferramentas básicas, vitais, para a construção do conhecimento.

Trazer significação e sentido para as experiências e vivências das crianças, é mais importante do que apenas focar nos conteúdos e demandas de sala de aula.

Friedmann (2020) ressalta que, o fato de darmos espaço de expressão para as crianças, autonomia e escolhas em determinados momentos, não quer dizer que deixaremos de acompanhar os movimentos e processos da criança. A autonomia produz um adulto confiante e seguro em suas escolhas e decisões.

Ainda pautada nessa ideia de transformar a experiência educativa, Freire (1996, p. 33) elucida que “se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando”, ou seja, um educador que não aborda questões sobre empatia, diferenças, respeito e não exerce em sua prática docente, de forma alguma irá contribuir para a formação de um sujeito que poderá exercitar valores morais e éticos.

“Aquele que escuta, silencia, observa, coloca-se a serviço do outro, respeita e acolhe” (Friedmann, 2020, p. 134). Ouvir o próximo também é fazer inclusão, e não se faz inclusão sem escuta. Os docentes precisam tomar como prática a escuta sensível de todos os alunos e aplicá-la no dia a dia. Fazer da escola um ambiente saudável e acolhedor possibilitará maiores chances desses alunos se sentirem confortáveis, incluídos e desenvolverem suas potencialidades. Nessa perspectiva, a criança precisa ter oportunidade para expor sua cultura, ideias a partir de suas vivências e se perceber como ser participante.

## 5 METODOLOGIA, APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Esta pesquisa destaca-se pela problemática em saber “O que dizem os alunos sobre acolhimento, vivências e experiências em relação à inclusão escolar?”, na qual os sujeitos da pesquisa fizeram apontamentos que contribuem para responder ao questionamento. A escuta dos alunos foi o ponto inicial e principal para a constituição do percurso do artigo.

Para Silveira; Córdova (2009) a pesquisa possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a ser investigada. Dessa forma, o contato direto com os alunos trará a realidade de suas vivências com os colegas autistas.

Portanto, esta é uma pesquisa de campo de âmbito qualitativo, de característica exploratória descritiva, de natureza básica, buscando descrever um fenômeno ou população. Neste caso da pesquisa, de acordo com Cervo e Bervian (2007), tem a finalidade de recolher e registrar os dados relativos ao assunto escolhido como objeto de estudo.

A coleta de dados foi realizada com sete alunos, sendo 1 menino e 6 meninas com idades de 8 e 9 anos, todos da mesma escola e mesma turma. Dois desses alunos foram entrevistados individualmente na sala de informática da própria escola. Os demais foram entrevistados durante o horário de recreio. Todos estavam tranquilos e responderam todas as perguntas conforme suas percepções.

Os alunos entrevistados não estão no quadro do autismo, pois a ideia da pesquisa é saber destes alunos sobre inclusão, acolhimentos e vivências com seus colegas que estão no espectro. Os entrevistados serão nomeados pelo codinome ‘Estudante’, seguido de uma numeração para uma melhor identificação durante as análises. Diante disso, as questões norteadoras foram divididas em blocos: Bloco 1, intitulado de **perspectivas das crianças sobre ser diferente e diferenças** – “O que você sabe sobre as diferenças e sobre ser diferente?”, “Algum professor já falou sobre seu colega ser ‘diferente?’” e por último “Como foi quando seus colegas chegaram na sala de aula?”, já o Bloco 2 intitula-se, **autismo: acolhimentos, vivências e experiências**, seguido das questões norteadoras: “Você sabe algo sobre o autismo?”, “Quais gestos seu colega faz que antes você achava estranho e agora não mais?”, “Você sabe porque ele/ela precisa do auxílio de um/uma monitor/a?”, “O que você mais gosta nesse seu colega?”.

Antes de tudo, foi feito um acolhimento com os entrevistados explicando como tudo aconteceria para que pudessem estar mais seguros e confortáveis para responder às questões. Todos estavam tranquilos nas respostas e felizes por estarem sendo entrevistados para um trabalho de universidade, de forma que se sentiram importantes. Desde o início, ficou claro que não existia resposta certa ou errada, mas que falassem o que sabiam a respeito das perguntas.

Para este artigo considereei, entre todas as respostas, aquelas que foram discursadas com mais êxito, já que em alguns casos houve respostas como: “não sei”, “sim” e “não”, entre outras não tão bem desenvolvidas.

## 5.1 - Perspectivas das crianças sobre diferente e diferenças

Esta temática elenca-se por meio dos primeiros contatos com os entrevistados. Logo quando questionados sobre as diferenças e ser diferente, a maioria ficou pensativo, como se falar sobre diferenças seria algo errado. Dessa forma foi perguntado “O que você sabe sobre as diferenças e sobre ser diferente?”. Dentre os 7 estudantes, o Estudante 3, disse que para ele “as diferenças não mudam nada”. Os demais 6 estudantes apontaram que as diferenças são as características físicas como “cor de pele, cabelo e usar óculos”. Sendo que o Estudante 7 acrescentou as deficiências.

Diante ao que Mantoan (2015, p.34) cita, “a diferença, na compreensão mais geral, é o que o outro é”. Dessa forma, as características físicas são as que mais evidenciam as diferenças.

Quando perguntado se “Algum professor já havia falado sobre seu colega ser ‘diferente’?”, os Estudantes 5, 6 e 7 disseram que “sim”, mas não mencionaram o que seria esse ser diferente, além disso, os Estudantes 2, 3 e 4 responderam que “a professora fala sobre alguns colegas não gostam de barulho”. Já o Estudante 1, mencionou sobre dois colegas específicos da turma, dizendo: “um é mais agitado e o outro coloca as mãos nos ouvidos quando tem barulho na sala.”

Em relação a isso Barnier, Dawson e Nigg (2021, p. 41) trazem à tona que:

O menino que tapa os ouvidos com as mãos quando uma ambulância passa correndo, a menina que não consegue vestir calças com etiquetas nas costas, a criança que só come alimentos brancos e o jovem que se distrai com o ruído do ar-condicionado que é imperceptível para o resto de nós, todos estão experimentando o que os cientistas clínicos chamam de “sensibilidades sensoriais”.

Esses são alguns exemplos que muitas vezes podem ser utilizados para uma explicação rápida da professora, sobre alguns comportamentos dos alunos autistas, além do fato de elucidar sobre as diferenças de modo geral.

Ao serem questionados sobre “Como foi quando seus colegas chegaram na sala?”, os estudantes 3 e 7 responderam que “por entrarem na escola na metade do ano letivo de 2023, não perceberam nada”. O Estudante 4 disse que “não percebeu nada”, já o Estudante 6 respondeu que “percebia que um dos colegas se irritava com barulho”.

Dessa forma, Grandin e Scariano (1999) citam sobre “os fenômenos de percepção sensorial como dolorosos e causadores de condições de estresse.” Assim, os barulhos repentinos, sons altos e conversas paralelas causam esse tipo de incômodo na pessoa autista.

Em continuidade, o Estudante 5 respondeu que “um de seus colegas precisava de ajuda para fazer as atividades”, e o Estudante 1 respondeu que “seus colegas não pareciam serem autistas, por um deles não interagir com a turma, pensou que esse fosse tímido e já o outro colega por conversar e participar das aulas, também não imaginou que fosse autista, dizendo que seu colega parecia ser ‘normal’”.

Para explicar as diferenças entre esses dois colegas autistas tão diferentes um do outro, a Apostila Autismos Presente (2019, p.26) cita que “nem todos que tem diagnóstico de autismo vão ter as mesmas manifestações, até porque nenhum cérebro é igual ao outro, podendo ter alterações de déficit intensas ou leves”. Desta forma, fica mais claro o sentido da palavra espectro, ou seja, não é algo único, mas com diferenças.

O último estudante, número 2 diz que “havia estudado com um dos colegas autista já no primeiro ano e que a professora havia falado quando eles se apresentaram”.

Brites (2019) menciona que existem vários tipos de inclusão, porém ressalta a escolar e social. A escolar direciona para ações de regras e rotinas de leitura, escrita, matemática, estímulos entre outros; e a social, direciona para o compartilhamento de sentimento, socialização, desenvolver a tolerância, paciência para lidar com o diferente, entre outros.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 8, nº1, janeiro/junho - 2024.– Curso de Pedagogia– UNESC

Portanto, quando existe essa inclusão escolar e social, a pessoa autista se sente muito mais acolhida, compreendida, de modo a conseguir desenvolver suas potencialidades com maior segurança e confiança, no sentido em que suas características – estereotípias/comportamentos- amenizam.

Embora a professora converse sobre o autismo, ainda fica evidente relacionar autismo com barulho e pouco sobre ser um transtorno do neurodesenvolvimento, que afeta a linguagem e a socialização. Porém, percebe-se nessas respostas, a empatia dos colegas de sala e o cuidado para falar do outro.

## 5.2 - Autismo: acolhimentos, vivências e experiências

O segundo bloco estrutura-se pelas quatro últimas questões norteadoras e nesse momento, percebeu-se com as respostas, o quanto alguns mudaram suas percepções sobre o autismo desde o ano anterior.

Quando questionados sobre “O que sabem sobre autismo?”, alguns foram diretos nas respostas, já outros refletiram por alguns segundos. O Estudante 1 relacionou o autismo com as cócegas que um de seus colegas faz para demonstrar seu afeto e ainda falou: “mas isso pode prejudicar em alguns momentos, como em hora de provas”. Nesse sentido, Brites (2019, p.146) cita que “nossas palavras e nossos gestos definem como nos comunicamos, e moldam a forma como transmitimos recados e intenções”. Dessa forma, conhecendo a pessoa autista, aprendemos a identificar o que ela quer passar através de seus gestos, atitudes, aproximação e até mesmo quando fazem umas simples cócegas.

Os Estudantes 2, 4 e 6 fizeram referência a “não poder fazer barulho”, porém o Estudante 7 acrescentou que: “as crianças autistas não gostam que toquem nelas”. Outro Estudante, o número 5 respondeu: “o autismo tem vários graus, uns mais inteligentes e outros com mais dificuldade”. E o Estudante 3 respondeu não saber sobre autismo.

Diante das questões sobre sensibilidade já mencionadas anteriormente, Barrier, Dawson e Nigg (2021) enfatizam que, essas sensibilidades variam para cada criança, mas, frequentemente, observamos sensibilidades a ruídos altos, sons particulares, toque, estímulos visuais e odores. Essas sensibilidades podem causar distração, ser estressantes e motivar

explosões emocionais. Desta forma, algumas abordagens podem ser trabalhadas com a turma para que situações estressantes sejam evitadas ou apenas amenizadas, como avisar que vai tocar no colega, que a luz será apagada, que terá música na aula, auxiliando assim em uma rotina mais leve.

A seguir, ao perguntar se “Seus colegas autistas fazem algum gesto que antes achavam estranho e que hoje não mais?”, apenas um respondeu “não perceber nada”, que foi o Estudante 6. O Estudante 1 respondeu sobre um dos colegas “fazer barulhos com a boca e outro usar abafador”. O Estudante 2 também citou “um dos colegas usar abafador e sobre o outro gostar de ficar apertando com abraços”. Já o Estudante 3, cita um dos colegas “dar gritos pela sala”. O Estudante 4 também se refere a um dos colegas “tapar os ouvidos com as mãos e o outro fazer sons com a língua”. Já o Estudante 5 observou que um dos colegas “fica picando papéis com a tesoura” e por último, o Estudante 7 também apresentou a questão de um dos colegas “tapar os ouvidos com as mãos e acrescenta sobre o outro colega ficar andando pela sala”.

Diante essas respostas, podemos compreender tais gestos e ações, de acordo com a Apostila Autismos Presente (2019) que as dificuldades de processamentos, como colocar as mãos nos ouvidos, correr de um lado para outro, para a criança é uma busca de informações sensoriais para sentir seu corpo, e nesse sentido, a pessoa autista está em busca de regulação sobre algo que o incomode ou o deixe ansioso. E sobre isso, os professores muitas vezes fazem menção apenas ao aluno ter autismo, sem esclarecer aos demais colegas, o que possa estar causando esses comportamentos nos autistas.

Além disso, Borges (2021, p. 259) nos lembra que, “algumas aprendizagens que são naturais para as crianças devem ser reforçadas e ensinadas para as crianças com autismo, como conseguir identificar as próprias emoções, inferir as emoções dos outros, [...]”. Desta forma, o ensinar a entender emoções e situações também auxilia na organização dos sentidos em determinadas ocasiões que estão sendo desconfortantes para o aluno com TEA.

Ao serem questionados sobre “seus colegas precisarem do auxílio de um monitor em sala de aula”, o Estudante 1 respondeu: “isso eu não sei muito, mas eu acho que pra ele precisar de um monitor, talvez é porque ele não consiga fazer atividade sozinho por causa do autismo”, e ainda acrescentou “mas isso não significa que ele não seja uma pessoa normal,

né!”. O Estudante 2 me perguntou o “que era um monitor?”, então respondi que eu era monitora deles em 2023, então ele me respondeu que “é porque eles têm mais dificuldades para aprender porque são mais desatentos”. O Estudante 3, relacionou o monitor para “ajudar o colega quando tiver barulho, e o barulho deixaria os colegas tristes e não iriam querer fazer as atividades”. O Estudante 4 não soube responder. Os Estudantes 5, 6 e 7 responderam sobre os colegas “não conseguirem fazer as atividades sozinhos e precisarem de ajuda”.

A Apostila Autismo Presente (2019, p. 52) menciona o monitor como “o mediador escolar que trabalhará auxiliando a criança na sala de aula e em todos os ambientes escolares, estimulando a comunicação, a participação nas atividades, na interação social e entre outros”. Através dessas respostas, percebe-se que os estudantes observam e compreendem a função desse monitor na sala de aula, mesmo não tendo certeza da função, mas pelas suas experiências e observações feitas no cotidiano escolar.

Finalizando a entrevista, os participantes foram questionados sobre “O que você mais gosta em seus colegas?” e o Estudante 1 respondeu que “um de seus colegas sempre divide o lanche e suas coisas com a turma e o outro é alegre, divertido e ativo”. Borges (2021) colabora sobre esta questão citando que as habilidades devem ser trabalhadas, como a habilidade de conversar, partilhar, expressar sentimentos, de empatia. Sendo assim, as situações vividas na escola podem e devem ser trabalhadas de forma que agregue valor e significação para o aluno, tal qual dividir o lanche.

Em continuidade, o entrevistado 2 respondeu que “seus colegas são bons e não brigam com os outros” e acrescentou que os “autistas não fazem maldade”. Já os Estudantes 3 e 5 responderam sobre os colegas serem “legais e divertidos”. Para Borges (2021) é importante trazer destaque e “reconhecer os pontos fortes do aluno e investir neles” pois pessoas autistas podem se destacar pela facilidade de interação – mesmo sem falar uma palavra - com seus pares e esse é o momento ideal para investir na aprendizagem por meio da amizade, convivência e brincadeiras.

O Estudante 6 disse que “gosta de ser amigo deles” e o Estudante 7 disse que “gosta quando abraçam e brincam”. Sobre essa questão, o Estudante 4 nos ensina com sua resposta: “eu gosto deles pelo que eles têm no coração, e não pela aparência ou beleza”.

Como cita Melero (2012, p.22):

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 8, nº1, janeiro/junho - 2024.– Curso de Pedagogia– UNESC

Se neste viver/conviver geramos uma cultura onde as emoções fundamentais são o amor, a ternura, a paciência etc. [...] geraremos uma cultura onde o respeito, a participação, a cooperação, a autonomia e a consciência ecológica terão presença como algo espontâneo e desejável porque aprendemos vivendo-o e não o explicando.

É a partir do momento que as pessoas se oportunizam e se envolvem a aprender sobre as deficiências e transtornos, que uma nova porta para a inclusão se abrirá. Precisamos conhecer mais sobre as pessoas, suas diferenças, escolhas, dificuldades e potencialidades. A empatia e o amor farão com que a pessoa autista se sinta compreendida. Talvez ele não consiga entender o significado dessas palavras, empatia, acolhimento e inclusão, mas ele saberá e sentirá quando está acompanhado de pessoas amorosas, empáticas e inclusivas. E é esse o caminho para iniciar a escuta sensível, pois só ouvimos aqueles que desejamos conhecer e querem falar sobre suas vivências. Essa é a estrada que esses estudantes estão abrindo por onde vão passando, deixando uma pedrinha do que estão aprendendo, pedrinha essa que está sendo entregue por uma professora dedicada, que tem a inclusão com o caminho para que o TEA seja conhecido e respeitado.

## 4 CONCLUSÃO

Diante da pesquisa realizada, percebe-se que ainda falta muito para que as pessoas com TEA sejam de fato respeitadas e realmente incluídas em todos os espaços. Temos muito a evoluir. Por mais que tenha muita informação disponível sobre o autismo, ainda falta muito interesse da parte dos profissionais, principalmente os escolares em conhecer mais sobre.

As adaptações curriculares ainda têm sido a maior preocupação dos professores, que insistem em focar diretamente no pedagógico e a parte social, afetiva, acolhedora acaba ficando de lado. Autistas continuam sendo não ouvidos dentro das escolas, e outros sendo pressionados a realizar algumas atividades.

Incluir é ouvir, respeitar e adaptar. É conhecer seu aluno, suas famílias, sua realidade, suas individualidades e potencialidades.

No entanto, durante as entrevistas com os alunos típicos da turma, foi possível perceber o quanto já aprenderam, compreenderam com sua atual professora sobre autismo, sendo esses os alunos que, enquanto estavam no 2º ano em 2023, não tinham ideia do que era autismo. Diante disso, ainda frisam o fato de fazer diferença em ter um colega autista em seu cotidiano. Aprenderam que, ter um colega autista na sala de aula não é só fazer silêncio para não os incomodar, mas também aprenderam como ele expressa suas emoções. Dessa forma, essa pesquisa tem sua importância, pois traz à tona uma escuta sensível, valorizando a voz daqueles que fazem parte do cotidiano escolar com colegas autistas, além disso, ficou evidente o quanto os alunos têm a falar sobre suas experiências e vivências acerca do convívio escolar, além do fato de se sentirem importantes.

Precisamos de professores que recebam os alunos em um ambiente acolhedor, que fale sobre as diferenças, que mude nosso futuro através de alunos inclusivos, respeitosos e longe do preconceito. Porém, não basta apenas o professor saber sobre autismo e falar dele para seus alunos, é necessário conhecer a pessoa autista, conversar, ouvir e conviver. Além disso, para que tais atitudes aconteçam, precisamos de profissionais capacitados, interessados, que busquem e aproveitem as oportunidades em relação à inclusão, para que assim sintam-se mais preparados para poder receber o ‘novo’, tornando assim a escola um ambiente agradável para todos.

Dando ênfase para a fala do Estudante número 0 com TEA, “Eu não gosto de ir para a escola. Só quando tem aula de educação física, a gente vai para a quadra e o monitor joga bola comigo. Tenho uma amiguinha que também brinca comigo, mas o aluno X faz barulho.” Desta forma, é preciso ouvir para entender e mudar nossas ações já planejadas.

## 5 REFERÊNCIAS

Autismos Presente. 1ª edição. 2019. Capítulo III

BARNIER, R. A.; DAESON, G.; NIGG, J.T. **O que a ciência nos diz sobre o transtorno do espectro autista: fazendo as escolhas certas para o seu filho.** Porto Alegre: Artmed, 2021. 322 p.

BORGES, Adriana A. P. Recursos para inclusão escolar no transtorno do espectro do autismo. In: CARDOSO, Ana Amélia; NOGUEIRA, Maria Luísa M. **Atenção interdisciplinar ao autismo**. Belo Horizonte, MG: Editora Ampla, 2021.

BRASIL. Congresso Nacional. Constituição: República Federativa do Brasil. Brasília: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Lei n.º 9.394/96, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Ministério da Educação – Imprensa Oficial, 1996.

BRASIL. Lei n.º 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Brasília: Diário Oficial da União.

BRASIL. Lei no 13.146, de 06 de julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2015.

BRITES, Luciana. *Mentes Únicas* /Luciana Brites, Clay Brites. São Paulo: Editora Gente, 2019.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia Científica*. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2007.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: sobre princípios e métodos, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2024.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91601-declara%C3%A7%C3%A3o-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em 30 jan. 2024.

EDWARDS, C.; FORMAN, G. **As Cem Linguagens da Criança**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Madalena. *Educador, educa a dor*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIEDMANN, Adriana. **A vez e a voz das crianças**: escutas antropológicas e poéticas das infâncias. São Paulo: Panda Books, 2020. 200 p.

GRANDIN G. Scariano MM. *Uma menina estranha- autobiografia de um autista*. [trad. Sergio Flaksman]. São Paulo: Cia das Letras; 1999.

JR, Francisco Paiva. Prevalência de autismo. **Canal autismo**. Disponível em:

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 8, nº1, janeiro/junho - 2024.– Curso de Pedagogia– UNESC

<<https://www.canalautismo.com.br/noticia/prevalencia-de-autismo-1-em-36-e-o-novo-numero-do-cdc-nos-eua/>> Acesso em 05 fev. 2024.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar**- O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Summus, 2015.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: pontos e contrapontos/Maria Teresa Eglér Mantoan, Maria Rosângela Gavioli Prieto; Valéria Amorim Arantes, organizadora. 7 ed. São Paulo: Summus, 2022.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais [recurso eletrônico]: DSM-5/ [American Psychiatric Association; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento... et al.]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2014.

MELERO, M. L. Diversas miradas: democracia Del amor. Revista interuniversitaria de formación Del profesorado, n. 74. (2012), p. 17-52. Zaragoza, España.

MELLO, Ana Maria, S, Ros de Andrade, Maria América Ho Helena Sousa Dias, Inês de. **Retratos do Autismo no Brasil**. 1ª Edição, São Paulo. Editora. AMA, 2013, p.82.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

TEIXEIRA, G. **Manual do autismo**. 5. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2018.